

Da experiência da culpa à vivência do desejo¹

Evelyn Blaut Fernandes (Graduanda em Letras, Iniciação Científica, UFRJ)

*O meu amor é teu.
O meu desejo é meu.
O teu silêncio é um véu.
O meu inferno é o céu
Pra quem não sente culpa de nada.
(...)
Levante as mãos para o céu
E agradeça se um dia acontecer
Um, um lugar
Pra sonhar
Pra que a dor possa sempre mostrar
Algo de bom.
Um amor, um lugar.
(Herbert Viana)*

¹ Evelyn Blaut Fernandes, aluna do quinto período do Curso de Português-Literaturas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista de Iniciação Científica do CNPq (PIBIC).

Resumo

Este trabalho tem a oportunidade de ser apresentado graças a um projeto de pesquisa orientado pela Professora Helena Parente Cunha e intitulado “Corpos calados pela culpa: a ótica feminina na literatura pós-moderna”. Se o projeto pretende dar conta de uma relação mantida entre o romance *A asa esquerda do anjo*, de Lya Luft, e o livro de poemas *Sem fotografias*, da poetisa dos anos 90 Ângela Montez. O trabalho a ser apresentado neste Simpósio pretende se ater ao tema erótico no qual reina a liberdade de quem ignora códigos e tabus e questiona a realidade social, o que só foi possível após a emancipação trazida pelo impacto das mudanças dos anos 60 e, é claro, após a ditadura militar. Em suma, a poesia de Ângela Montez se quer fundadora e instauradora de uma realidade outra, em que o discurso que pretende ser ouvido é a da sua própria voz.

Este trabalho, apresentado no Simpósio do curso de Pós-graduação em Ciência da Literatura, faz parte de um projeto desenvolvido, orientado pela Professora Doutora Emérita Helena Parente Cunha, e tem como título: Corpos calados pela culpa: a ótica feminina na literatura pós-moderna. Entretanto, se o projeto pretende dar conta de uma relação mantida entre o romance *A asa esquerda do anjo*, de Lya Luft, e o livro de poemas *Sem fotografias*, de Ângela Montez, este trabalho quer se ater ao tema erótico no qual reina a liberdade de quem ignora códigos e tabus e questiona a realidade social, o que só foi possível após a emancipação trazida pelo impacto dos anos 60 e, é claro, após a ditadura militar.

Em outras palavras, se nas décadas de 70 e 80, boa parte da literatura de autoria feminina pretendia soltar a voz soterrada por séculos e calada na traqueia de muitas mulheres pela tradição falocêntrica, pela repressão, pelo medo e pela culpa, as autoras da atualidade pretendem vivenciar seus desejos e fazer da literatura uma possível manifestação de liberdade, do amor e do erotismo.

Segundo Helena Parente Cunha, no momento presente, pode-se ouvir um sem número de vozes femininas que conquistaram no grito seus próprios corpos em espaços textuais que preenchem a literatura com um discurso onde é possível vivenciar o desejo, seja ele nostálgico ou romântico, irônico ou agressivo, porque, aliás, já não há mais palavras proibidas. E o espaço poético da pós-modernidade é capaz de acolher vários registros, desde o estilo refinado à dicção coloquial, passando pelos chamados termos de baixo calão.

Mas que desejo feminino é este inscrito na sociedade pós-moderna que, para além da liberação sexual, reivindica ser humana, ser cidadã, ser social, ser política, ser Mulher? Segundo Octavio Paz, uma nova moral erótica triunfa e espalha-se pela participação ativa e pública das mulheres que, como agentes sociais, começam a experimentar igualdade de direitos e reconhecimento social. Para além do amor e do erotismo, é o desejo de liberdade que move poetisas como Ângela Montez, Laura Esteves, Veronica Diaz e Mônica Mello.

Octavio Paz distingue sexo, amor e erotismo. O sexo seria o componente biológico do amor ou as sensações corpóreas do prazer. O erotismo seria, então, uma atividade correlata à atração física ou um princípio de atração, como elemento passional do amor. E o amor, por fim, uma elaboração culturalmente determinada do exercício do erotismo. O erotismo é sexo, natureza, mas por ser uma criação e por suas funções sociais, é cultural. A finalidade do

erotismo seria a dominação do sexo e a sua inserção na sociedade. “Sem sexo não há sociedade, pois não há procriação; mas o sexo também ameaça a sociedade. Como o deus Pá, é criação e destruição. É instinto: tremor, pânico, explosão vital”². Na perspectiva de Octavio Paz, o erotismo, específico ao ser humano, propiciaria a vida e a morte, repressão e permissão.

Enquanto a sexualidade é animal, o erotismo é humano. É um movimento que desvia ou muda o impulso sexual reprodutor e transforma-o em uma representação. O amor, embora também seja cerimônia e representação, é, para Octavio Paz, uma “purificação que transforma o sujeito e o objeto de encontro erótico em pessoas únicas. (...) O erotismo é a dimensão humana da sexualidade; aquilo que a imaginação acrescenta à natureza”³.

Para Helena Parente Cunha,

a questão do cânone hoje pertence à arena de debates e contradições que dificultam um posicionamento correto. Mas o que seria um posicionamento correto em questões que perderam os suportes sobre os quais se apoiavam e lhes davam certezas e garantias supostamente eternas? Ao invés de certezas, vivemos a era das incertezas, desde que desabaram os esteios de uma cultura já desgastada, mas capaz de apontar algum caminho que acabaria dando em algum lugar. Hoje, caminhos e descaminhos se cruzam, enquanto nós, transeuntes da virada do milênio, não sabemos escolher qual a melhor direção a tomar no labirinto de espelhos da pós-modernidade⁴.

Antes disso, a humanidade havia sido arrastada pela guerra fria e a bandeira do feminismo fora hasteada de forma desafiadora. O turbulento movimento de 60 propunha a ruptura com o cânone literário e comportamental e, a partir dessa ruptura, o gozo da liberdade. Se a liberação da década de 60 foi a maior possível ou concebível, sobretudo quanto a sexo, nem por isso logrou abranger os demais itens da pauta das reivindicações das mulheres. A demanda feminina foi ao cerne da questão ao denunciar que esta liberdade, que implica não autoexclusão do sujeito da sociedade ou na alienação, não constitui efetiva liberdade. Porque uma liberdade que só é vivenciada quando se está fora da sociedade não pode ser verdadeira. Essa liberdade precisa ser, portanto, conquistada através da transformação da sociedade.

² Octavio Paz, p. 17

³ Idem, p.97 e p. 104

⁴ *Além do Cânone* (Introdução), p. 2

A Mulher aportou na década de 60 com uma história mais de uma vez milenar de exploração, de servilismo, de analfabetismo, de subemprego, de exclusão do processo político e de não-inclusão no planejamento socioeconômico. Liberdade apenas para o sexo não haveria de bastar. Havia muito mais do seu desejo chamado por realização.

Assim, o ímpeto libertário vai cedendo cada vez mais lugar ao questionamento existencial como um todo, passando, inclusive, pelo engajamento social. Se, no início, a demanda era de liberdade para a expressão sexual, agora a demanda não só se pluraliza, mas se adensa e se complexifica. Acredito que os poemas “Ausência”, de Ângela Montez, e “11 de setembro”, de Mônica Mello, são exemplos que justificam minha assertiva.

Ausência. Ângela Montez
Sentar sua imagem amassada
Diante de um velho espelho
E reconhecer palmo a palmo
O reflexo que falta

Os bairros não aportarão nunca
As ruas correrão agitadas
Tudo estará fora de lugar
Nesse mapa

O passado é um labirinto
De veias estreitas
E o homem um pássaro
Com medo

Estrangeira do tempo
(...)
inventa
um espaço novo
desesperado
plástico
que seja corpo
mas que não seja espelho
morto.

11 de setembro. Mônica Mello

A ilusão explode seu rosto
Em minha sala.
A inocência ferida tece um
coro de vozes esquizofrênicas

Bósnia grita, Iugoslávia grita,
Hiroshima grita, Vietnã grita,
África grita, Palestina grita,
América Latina grita.

A miséria atinge seu alvo na
Caricatura do mundo.
Haverá porta sob a árvore cinzenta?

Se as poetisas brasileiras dos anos 60, 70 e 80 haviam desafiado as intransigências de uma sociedade patriarcal em suas raízes, as autoras da virada do milênio seguiram novos rumos, em meio a novas indagações e novas perplexidades instauradas pelo paradoxo pós-moderno. Deste modo, toda a produção de autoria feminina dos anos 90 em diante merece ser abordada sob um enfoque distanciado dos poderes da antiga lei, porque se a crítica feminista tinha como objetivos questionar a hierarquia patriarcal e eliminar as discriminações excludentes marcadas por uma assimetria de poder, a geração da atualidade já possui um novo olhar para a realidade repressora.

As expressões, ora erótica, ora romântica, de muitas dessas poetisas, embora de gerações diversas, repetem o dilema de grande parte das mulheres pós-anos 60, ainda hoje divididas entre a aventura da transgressão e a herança da tradição opressora, contudo capazes de oferecer uma certa estabilidade. Esta experiência do passado não representa uma segurança, mas, ao contrário, se esse passado não pode ser revivido, pode, ao menos, através das experiências já formadas, permitir uma nova vivência. Assim sugerem os poemas “Parto” e “Insaciável”, de Laura Esteves:

Parto. Laura Esteves

Me pari aos sessenta anos.
Rompi a confortável casca
Onde eu própria me enfiara.

Larguei a casa e a samambaia.
E, com um pavor danado,
Fui ao encontro da aventura.

Sambei. Fiz teatro.
Bebi. Caí na gandaia!
Até arrumei namorado.

Sessenta anos hibernada.
Onde é que já se viu?
Moralismo, convenções...
Para a puta que pariu!

Insaciável. Laura Esteves

Quero a adrenalina subindo:
Vulva, ventre, coxas e peito.
Quero sentir a dor bem fina.
Dor de paixão, que não tem jeito.

Quero ficar com as mãos geladas,
Nervosa até não poder mais,
Deus! Será que peço demais?

Sim, sou senhora de respeito.
Que fazer, se de cio padeço?
Com todo o direito: eu mereço!

E é assim que a poesia erótica brasileira de autoria feminina começa a abrir caminho e testemunha a tomada da palavra poética para recriar o erotismo pela vivência de uma nova conscientização. Mais do que a temática erótica, contudo, o que ressalta nesta poesia é a vivência feminina de uma percepção mais aguda em relação ao desejo e que começa a se insinuar no corpo da página.

Deste modo, são as vivências revolucionárias e a transformação da percepção do mundo e da vida que permitirão que a mulher da pós-modernidade se aproprie da tradição da poesia erótica para criar a sua linguagem e reinventar o erótico através da ótica feminina. A vivência feminina dos anos 2000 reinscreve o erotismo na natureza. Ela o experimenta e vai além, percorrendo as demais reivindicações da mulher, não mais como ser menor, como sentenciava o paradigma falocêntrico, nem como ser melhor, como pretendiam algumas adeptas mais fervorosas do feminismo militante, mas como ser junto, aquela que convive o sinuoso e inesperado percurso humano.

Freud esclarece, belamente – diga-se de passagem –, que “o homem enérgico e vencedor é aquele que pelo próprio esforço consegue transformar em realidade seus castelos

no ar.⁵” Se muitas mulheres nas décadas de 70 e 80 não atingiram este resultado devido à impossibilidade de se libertar das exigências do superego e de toda uma sociedade basicamente falocêntrica, acredito que seja possível afirmar que muitas mulheres, na ficção e na vida real, já vivenciam plenamente seus desejos sem culpa e sem medo. Assim, como numa entrega à liberdade e à vida, Veronica Diaz declara nos últimos versos de seu poema “Livre”: “Agora/ [eu] por ti escorro/ escoo/ por ti me esgueiro/ e por entre tuas frestas descobertas/ [eu] me entrego/ agora/ ao mundo⁶”.

⁵ *Cinco lições de Psicanálise*, p. 47

⁶ Fragmento do poema “Livre” de Veronica Diaz

Bibliografia

- DIAS, Verônica. **Livre**. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 2001.
- ESTEVEZ, Laura. **Transgressão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- _____. **Como água que brota da fonte**. São Paulo: Barcelona Editora, 2000.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996;
- MELLO, Mônica. **O ego perdido**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2003.
- MONTEZ, Ângela. **Sem fotografias**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.
- PARENTE CUNHA, Helena. **Além do cânone: vozes femininas cariocas estreadas na poesia dos anos 90**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- _____. **Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- _____. **Desafiando o cânone (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad.: Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.